



I play, therefore I teach, I learn, therefore I play: teaching and learning experienced by pifeiros musicians from São José de Piranhas, Sertão da Paraíba

Toco, logo ensino, aprendo, logo toco: vivências educativas experienciadas por pifeiros de São José de Piranhas, Sertão da Paraíba

Toco, luego enseño, aprendo, luego toco: prácticas educativas vividas por músicos pifeiros en São José de Piranhas, Sertão da Paraíba

Elinaldo Menezes Braga¹ , Marizete Lucini¹ 

¹ Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão, Sergipe, Brasil.

Autor correspondente:

Elinaldo Menezes Braga

E-mail: naldinhobraga2018@gmail.com

Como citar: Braga, E. M., & Lucini, M. (2021). I play, therefore I teach, I learn, therefore I play: teaching and learning experienced by pifeiros musicians from São José de Piranhas, Sertão da Paraíba. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 2(1), e12369. <https://doi.org/10.20952/jrks2112369>

ABSTRACT

This article is the result of reflections developed from a qualitative research in process. Its objective is to understand the educational teaching and learning experienced by the pifeiros musicians of the Bandas Cabaçais from São José de Piranhas - Sertão paraibano. The fact of these popular cultural musical groups be silenced by the hegemonic power justifies opening the doors of its educational spaces to highlight practices, knowledge and the symbolism which constitutes it. The focus here is on Manoel Inácio's life narratives, collected through open interviews. The research hopes to provide contributions to studies on popular education and popular culture transmission, as well as to the development of the groups in and out of their own communities.

Keywords: Cabaçais Bands. Popular Culture. Sertão da Paraíba. Teaching and learning. Transmission.

RESUMO

Este artigo resulta de reflexões desenvolvidas a partir de pesquisa qualitativa em processo, cujo objetivo é compreender as vivências educativas experienciadas pelos pifeiros das Bandas Cabaçais¹ de São José de Piranhas - Sertão paraibano. O fato dessa expressão da cultura popular

¹ Grupos de música instrumental pertencentes ao patrimônio imaterial brasileiro.

estar ameaçada de silenciamento justifica a necessidade da pesquisa e nos desafia a escancarar as portas dos seus espaços educativos para que práticas, saberes e a simbologia que a constitui possam ser vistas com todas as suas cores, formas e cheiros. O foco, aqui, está nas narrativas de vida do mestre Manoel Inácio, coletadas através de entrevistas abertas, durante nossas “experivivências”² a partir de 2001. Esperamos trazer contribuições significativas para os estudos que se debruçam sobre a educação popular, a cultura popular e os seus modos de transmissão, bem como para a dinâmica desses grupos, dentro e fora das suas comunidades.

Palavras-chave: Bandas Cabaçais. Cultura Popular. Práticas Educativas. Sertão da Paraíba. Transmissão.

RESUMEN

Este artículo es el resultado de reflexiones desarrolladas a partir de una investigación cualitativa en proceso. El objetivo es comprender las experiencias educativas vividas por los músicos pifeiros de las Bandas Cabaçais de São José de Piranhas - Sertão paraibano. El hecho de que esta expresión de la cultura popular esté amenazada por el silencio, justifica la necesidad de investigación y nos desafía a abrir las puertas de sus espacios educativos para que las prácticas, el conocimiento y el simbolismo que la constituye se vean con todos sus colores, formas y olores. El enfoque aquí está en las narrativas de vida del mestre Manoel Inácio, recopiladas a través de entrevistas abiertas, durante nuestras “experiencias” a partir de 2001. Esperamos aportar contribuciones significativas a los estudios que se centran en la educación popular, la cultura popular y sus modos de transmisión, bien como la dinámica de estos grupos, dentro y fuera de sus comunidades.

Palabras clave: Bandas Cabaçais. Cultura Popular. Experiencias Educativas. Sertão da Paraíba. Transmisión.

BANDA CABAÇAL: “A MÚSICA DO COMEÇO O MUNDO ”

Nesta guerra o meu pífano é flexa que atravessa o seu coração, e o meu sopro é tiro certoiro, não tenha medo, me dê sua mão³ (Naldinho Braga).⁴

Pedimos a sua mão para fazermos um passeio por algumas veredas que nos revelam a magia da nossa cultura popular e evidenciam que no caldeirão da diversidade do Nordeste brasileiro a Banda Cabaçal também é tempero que constitui a identidade cultural do lugar. Remontando o período colonial, esse tipo de grupo musical, originalmente vinculado aos eventos da religiosidade católica, é apontado como uma das raízes da música instrumental brasileira, podendo ser encontrado em centros urbanos, comunidades quilombolas, aldeias indígenas e, sobretudo, em pequenas comunidades rurais. A sua instrumentação, os ritmos tradicionais que tocam, seus usos e funções denunciam a presença de elementos europeus, indígenas, africanos e árabes, fazendo da Cabaçal um produto híbrido pertencente à cultura popular brasileira.

Dependendo do lugar onde estejam, as Cabaçais são identificadas por outras denominações. A etnomusicóloga alagoana, Regina Cajazeiras (1998, p. 10), em sua dissertação de mestrado sobre as Cabaçais de Marechal Deodoro – AL, cita Rocha para estampar certas classificações relacionadas a essa expressão da cultura popular nordestina:

² O termo “experivivências”, aqui forjado, refere-se a acontecimentos vividos e experienciados aos moldes do que define Larrose (2020). Para este autor, alguém só experiencia um acontecimento se por ele for atravessado, tocado.

³ Trecho da canção inédita, “Tiro certoiro”.

⁴ Naldinho Braga é o nome artístico de Elinaldo Menezes Braga (um dos autores do artigo).

Banda de Pífanos, Banda de Pife, Música de Pife, Zabumba, Terno de Zabumba, Zabumba de Couro, Terno de Pife, Pifeiros, Terno, Cabaçal, Conjunto Cabaçal, Banda de Couro, Banda de Música Cabaçal, Tabocal, Esquenta Muié, Terno de Oreia, Quebra-Resguardo, Banda de Negro, Musga de Mato, Carapeba, Peba.

É possível perceber entre as classificações acima que algumas fazem referência direta aos instrumentos da Cabaçais e outras aos materiais dos quais são confeccionados. Verificamos também terminologias que indicam sentimentos e até aquelas que expressam preconceito à musicalidade e sonoridade dos grupos.

Além dessa característica, a formação das Cabaçais também varia. No estado da Paraíba apresentam-se com dois pífanos, uma zabumba e uma caixa, No Sertão e com Dois pífanos, caixa, zabumba e pratos no Cariri. No Cariri cearense, também utilizam dois pífanos, zabumba, caixa e pratos, em Caruaru – PE, com dois pífanos⁵, zabumba, caixa, pratos e um contra surdo. No Sertão do Pernambuco a formação é igual à do Sertão da Paraíba, zabumba, caixa e dois pífanos. Nas Bahia e em Sergipe, é caixa, zabumba e duas gaitas. Em Minas Gerais os pífanos e gaitas estão inseridos nos grupos vinculados ao congado. Existem, ainda, bandas que usam pandeiro ou triângulo e até sanfona. As gaitas se diferenciam dos pífanos por serem tocadas longitudinalmente, enquanto esses são tocados em posição transversal.

Os pifeiros, como são chamados os seus integrantes, sobretudo os flautistas, tocam choros, forrós, frevos, sambas, dentre outros estilos, mas, é a “música da tradição”, ou “música dos índios”, ou ainda a “música do começo do mundo”, como eles dizem, que principalmente marca o seu repertório. Desta forma, são os benditos, valsas, marchas e baiões que “dão o tom” nas novenas, trezenas, renovações, procissões, enterros, batizados, leilões e em outros acontecimentos da religiosidade católica, principal território de atuação das Bandas Cabaçais, daí o pifeiro Manoel Inácio ter falado que [...] “essas musga tudo é musga de procissão, festa das imagem, musga de igreja”.⁶

Infelizmente, apesar de se configurar como um fenômeno do nosso patrimônio imaterial, essa expressão, na contemporaneidade, inclusive dentro do seu território geográfico, amarga um grande desprestígio por parte das gerações mais jovens que, influenciadas pelos efeitos da colonialidade operada também pelos canais midiáticos, com algumas exceções, não sinalizam qualquer interesse em aprender a tocar os instrumentos cabaçais e muito menos a participar dos fazeres dos grupos pertencentes ao núcleo familiar ou existentes nas suas comunidades. Certa vez, conversando sobre isso com Mateus, neto do mestre Damião Pedro,⁷ ele nos disse que sabia tocar, mas tinha preguiça, isso porque, segundo ele mesmo: “Toda vida toca as mesmas músicas velhas e nos mesmos eventos, e completou: tem graça não”.

Apesar do vínculo direto desses grupos com as práticas católicas desde as primeiras formações, esse desprestígio também é praticado por muitas paróquias localizadas em territórios de pifeiros. Nos eventos promovidos pela igreja as Cabaçais têm perdido o seu lugar para grupos musicais que promovem uma estética sonora comprometida com o padrão que a cultura de massa joga no mercado. Essa prática parte do entendimento de que a festa precisa vender, para vender tem que atrair o povo e para atrair o povo tem que ter “música boa”, daí a gente escutar assertivas do tipo: “As Cabaçais só agradam aos velhos, e velho dorme cedo.”

Ao considerarmos as bandas Cabaçais como parte da história e como prática vivenciada em muitas comunidades, não entendemos o porquê da escola que pratica o ensino tradicional não acolher elementos da cultura local como conhecimentos a serem ensinados e aprendidos.

⁵ Flautas artesanais confeccionadas com bambu, cano de alumínio, de ferro ou de cano PVC. Possui sete furos, sendo um para o sopro e os outros seis para digitação.

⁶ As falas dos pifeiros da família Inácio que aparecem neste trabalho estão publicadas em: *Celebrações da Vida: história e memória da banda Cabaçal Os Inácios*, de Elinaldo Menezes Braga, cujo foco é apenas o registro da história e da memória desse grupo.

⁷ Damião Pedro é mestre pifeiro da Banda Cabaçal São Sebastião, do sítio Antas, São José de Piranhas.

Nos ocorre, nessas reflexões, que a socialização da cultura e do conhecimento de sua história é instrumento importante para a construção de identidades de um povo.

Contudo, muitas escolas ainda se referenciam numa “educação bancária” em que, como explica Freire (2020, p. 79): [...] “o educador aparece como indiscutível agente, como seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação”.

Este é um modelo de escola que desperdiça as oportunidades de promover transformações sociais, formação de sujeitos autônomos e “descolonização de mentes” contaminadas pelos ideais da colonialidade. Esta escola, infelizmente, tem servido aos projetos imperialistas que tratam esse espaço de compartilhamento e produção de saberes como se fosse um mercado onde se pode vender e comprar fragmentos de conhecimentos. O resultado disso é a implementação de currículos sem a cara do povo. Isso porque os saberes e fazeres populares das comunidades onde esse modelo de escola está inserida ficam do lado de fora.

Não entram porque os que pensam esses espaços, que deveriam ser educativos, visualizam o que para eles tem valor de mercado, gera lucros, de modo que não lhes interessa convidar a comunidade para dialogar e pensar juntos os seus currículos. Os pensadores desse modelo de “escola bancária” desconsideram as ideias de Paulo Freire (2020, p. 31) quando ele diz que “[...] pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária[...]”.

Os educandos, portanto, ao adentrar na vida escolar, não o fazem vazios, porque possuem conhecimentos produzidos e adquiridos no seu cotidiano comunitário. Nesse sentido concordamos com Illich quando afirmar que “a escolaridade não promove nem a aprendizagem e nem a justiça, porque os educadores insistem em embrulhar a instrução em diplomas. Misturam-se, na escola, aprendizagem e atribuição de funções sociais” (Illich, 1985, p. 26).

A continuidade da tradição cabaçal, desta forma, é protagonizada pelos/as próprios pifeiros/as que sabiamente teimam na manutenção dos seus grupos, mesmo sabendo que o projeto de modernidade capitalista não reserva espaços para fenômenos vinculados à cultura popular e, sobretudo, experienciados por pessoas que aparecem nas lentes opressoras, como se fossem inferiores, incapazes, objetos, coisas a serem exploradas. Essas pessoas, uma vez desumanizadas, “esfarrapadas”, empurradas para “as bordas do planeta”, como diz Krenac (2019). Assim, encontram na brasilidade o alimento para resistir e pelas frestas, no caso das Bandas Cabaçais, existirem tocando, ensinando, aprendendo e tocando nas renovações e novenas que os mestres tradicionalmente realizam em suas residências.

Foi justamente em uma renovação promovida pelos Inácios⁸, no tempo em que a sua banda ainda conseguia mobilizar algumas pessoas, principalmente idosos, mulheres e crianças, que pudemos experienciar pela primeira vez a banda Santo Antônio, do mestre Manoel Inácio, “arrastando” o povo do sítio Bé, Cabeça de Onça e Riacho do Meio, saindo da residência da sua filha, Zefinha Inácio, em direção à morada do filho zabumbeiro, Zé Inácio, onde houve a coroação de Nossa Senhora, no dia 31 de maio de 2001.

Diante da realidade exposta, esta escrita justifica-se pela importância em escancarar as portas dos espaços educativos cabaçais, para que outras pessoas tenham a oportunidade de conhecer os seus fazedores, as suas práticas e os seus saberes com todas as suas cores, formas e cheiros.

É na parceria com as Bandas Cabaçais, que, vinculados ao PPGED, estamos desenvolvendo uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, caminhando para compreender as vivências educativas experienciadas pelos pifeiros e pifeiras que compõem as

⁸ “Os Inácios” é como os moradores do sítio Bé e de outras comunidades vizinhas se referem à família do mestre Manoel Inácio.

Bandas Cabaçais da zona rural do município de São José de Piranhas, cidade sertaneja erigida a 500 quilômetros da capital, João Pessoa.

Os dados, aqui apresentados, são frutos de entrevistas abertas que favoreceram algumas narrativas do mestre Manoel Inácio durante as nossas “experivivências” com a família Inácio que tradicionalmente atravessa os tempos, de geração em geração, pondo em prática o que aprenderam, ensinaram e aprenderam nas vivências educativas que há mais de um século têm garantido a existência da Banda Cabaçal Santo Antônio.

PRÁTICAS EDUCATIVAS QUE CONSTITUÍRAM O MESTRE PIFEIRO MANOEL INÁCIO

Não herdaram das pedras o dom do silêncio, não fizeram da dor alimento ou degedo, não pediram segredo, fizeram enredo para cantar o amor...”⁹ (Naldinho Braga).

Quando chegamos ao sítio Bé, em 2001, para conhecermos a Banda Cabaçal do mestre Manoel Inácio, fomos surpreendidos pela notícia de que a Santo Antônio estava adormecida. Seu Zé Preto, o segundo pifeiro, não conseguia mais tocar em virtude de problemas com a saúde. Nessa oportunidade, ficamos sabendo que “uma banda de pife só com um pifeiro, não é banda de pife”, disse o mestre Manoel para matar a minha curiosidade.

Até então, tínhamos escutado uma Cabaçal apenas em 1996, através de um vinil gravado pelos Irmãos Aniceto¹⁰, do Crato - Ceará. Essa seria a primeira oportunidade para termos um contato direto, “cara a cara” com essa expressão musical nordestina. Assim, movidos pela intuição e a vontade de saber, de ouvir, de experienciar, propusemos visitar e convidar o mestre Zé Preto, quem sabe, para mais uma tocada.

A ideia fez os olhos de seu Manoel Inácio faiscarem e a boca não perder a oportunidade para escancarar um largo sorriso. “É mesmo? Vocês podem fazer isso?” O mestre prontamente se colocou à disposição para nos acompanhar ao sítio Cabeça de Onça. Lá, esbarramos na cancela. O mestre desceu, tirou a trameia e escancarou o portal que nos conduziria a emoções que nunca se apagaram das nossas lembranças.

Seu Manoel primeiro fez festa com os cachorros que estavam soltos no terreiro, certamente já se conheciam, não dificultaram a nossa caminhada. A casa alpendrada parecia estar nos esperando com suas portas, janelas e braços abertos e o sorriso de uma moça muito simpática que nos recebeu. Ela olhou para dentro da casa e gritou: “Pai, advinha quem chegou? Nos convidou a entrar e encontrar seu Zé Preto deitadinho em uma rede armada na sala, sozinho, caladinho, a cabeça longe, talvez tocando o seu pífano em alguma novena, renovação, missa, procissão, ou até mesmo em um momento de farra com os amigos, afinal, profanar também faz parte do mundo das Cabaçais.

O reencontro com seu Manoel para nós foi poesia de “poeta grande”. Dava pra ouvir os versos ditos pelos olhares, pelo abraço, pelo sorriso de cada um. As palavras e gestos revelavam o carinho que um tinha pelo outro. Afinal, durante anos, foram cúmplices no cafezinho seguido de um cigarro feito com palha de milho seco, na cachacinha, nas conversas, nas rezas e nas tocadas. Já havia um tempinho considerável que não se viam. Esses dois amigos e parceiros, juntos, alimentaram os espíritos do povo da região com a música Cabaçal. Incontáveis as novenas, procissões, renovações, missas, casamentos, batizados e leilões que foram celebrados ao som desses dois senhores devotos de Santo Antônio e apaixonados pela arte de fazer e tocar pífanos.

Nos apresentamos e falamos sobre o nosso prazer em conhece-lo e sobre a vontade de vê-lo tocar mais uma vez com seu Manoel. Outro sorriso e um pouco de lágrima para nos dizer que o prazer maior era dele. Não contou conversa, passou a mão na cabeça como se estivesse

⁹ Trecho da canção “Os Inácios”, gravada no cd “Todos do mesmo lado”, Recuperado de: <https://naldinhobragaeocarrodela.bandcamp.com/track/os-in-cios>

¹⁰ Banda Cabaçal pertencente a família Aniceto, descendentes dos índios Cariris.

penteadado o pouco cabelo que lhe restava e seguiu com a gente para o sítio Bé. Outra festa. Zé Inácio e Antônio Inácio, zabumbeiro e caixeiro, respectivamente, recepcionaram o mestre, e no oitão¹¹ da casa rapidinho ajeitaram uma cadeira para o mestre Zé Preto se sentar.

Como já fazia um tempo que tinham conversado, uns “dedinhos de prosa¹²” foram providenciais. De repente, a zabumba de Zé Inácio “estronudou” anunciando para toda a redondeza que a Banda Santo Antônio acabara de acordar do seu longo período de hibernação. O céu parecia mais azul, os pássaros pousaram em silêncio para ouvi-la, as crianças chegaram, outros filhos de seu Manoel correram para assistir o que para eles seria improvável acontecer. Aqueles homens de estatura miúda ficaram gigantes, dignos de veneração. Nossas referências musicais dali por diante.

Seu Manoel aproveitou para expor o seu arsenal de melodias, seu Zé preto acompanhava fazendo o segundo pífano, a zabumba de Zé Inácio marcava o baião, bum bum, bum bum e caixa de Antônio preenchia os espaços sonoros, rasgando as nossas entranhas totalmente encantadas. Enquanto tocavam sentimos as flechadas disferida pelo cupido cabaçal. Estávamos literalmente dominados, entregues, arrebatados, demolidos, apaixonados. Jorge Larrosa (2020) diria que estávamos verdadeiramente experienciando aquele acontecimento. Simas & Rufino (2020), por sua vez, falariam que os pifeiros, encantadores experientes, nos enfeitiçaram musicalmente e nos despertaram ainda mais para o colorido da diversidade cultural, criando outras possibilidades de enxergar o mundo.

A performance dos pifeiros nos fez imaginar como aqueles homens apreenderam um repertório tão vasto, composto por músicas que não tocavam no rádio e com raras gravações. Foi inevitável a nossa curiosidade em saber também como o pífano e os instrumentos percussivos chegaram para esses senhores e como aprenderam a tocá-los com uma técnica que aguça olhares, inclusive de profissionais da música dita erudita.

Decidimos ali mesmo que voltaríamos outras vezes, e assim o fizemos. Vários foram os encontros que tivemos com seu Manoel Inácio. Durante as nossas conversas, a sua memória nos apresentou narrativas que revelaram momentos significativos da sua história, desde o tempo quando morava na Lagoa do Arroz, zona rural de São José de Piranhas.

Esse artista, assim como o quilombola piauiense, Negro Bispo, foi formado pelos ensinamentos dos/as mais velhos/as. Com ele/as aprendeu a significar o seu mundo imediato. Aprendeu a ler a terra, as estrelas, a lua, o sol, o vento, as plantas, as aves, a fartura, a seca, as águas, melodias e o coração. Depois que aprendeu a ler o mundo não foi difícil aprender a escrever. Assim, nas páginas da terra escreveu a palavra alimento, na relação com dona Vicência a palavra amor, com a Cabaçal aprendeu a escrever as palavras música, devoção, respeito e gratidão, e, na busca pelo bem viver, aprendeu a respeitar a caatinga, os bichos, o ar, o fogo e a água.

No contexto familiar também experienciou o fazer cabaçal. Sem pressa, experienciou o ouvir, o sentir e o observar os pifeiros *soprando* e *bulindo os dedos no pife*. A Banda Cabaçal aconteceu, tocou o garoto Manoel, e o feito pode ser relacionado com o que Larrosa (2020, p. 25) indica como experiência/sentido:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque requer um gesto de interrupção, um gesto de que é quase impossível no tempo que corre, requer parar para pensar, **para olhar, parar para escutar**, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar. Parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender o automatismo da ação, cultivar a ação e a delicadeza. **Abrir os olhos e os ouvidos [...] ter paciência e dar-se tempo e espaço** (p. 25) (grifos nossos).

¹¹ Oitão é a parede lateral de uma casa. Recuperado de: <https://www.significados.com.br/oitao/>

¹² “Um dedinho de prosa” é o mesmo que “um pouco de conversa”.

Com o saber aprendido e apreendido pela experiência, “dominou o vento” e fez do pífano caneta de escrever a palavra alegria, festa, tradição. Suas lembranças nos disseram que a primeira avaliação sensível veio do avô, o velho pifeiro João Félix: “José, esse menino vai ficar de um jeito que nesses dias nós não tamos servindo pra tocar mais ele, não”.

Seu Manoel lembrou-se que “já dava uns tonzin no pife” quando o mestre João Félix precisou “arribar” para Serra do Vital por conta de uma seca que terrivelmente maltratava o Nordeste. A saída do mestre ameaçou a presença da Banda Cabaçal Santo Antônio nas rezas tradicionais por ali. A solução para se evitar esse infortúnio foi estabelecer uma nova “pareia¹³ de pife”. Foi assim que o outro filho, Cícero Felix, ocupou o lugar do pai.

No entanto, Cícero Félix nem sempre podia tocar. A esperança desta vez foi depositada no garoto Manoel Inácio. Assim, José Inácio, a partir do conhecimento que o filho já tinha, intensificou os ensinamentos cabaçais ao garoto Manoel Inácio. Juntinho dele, no colo, agora como ensinador, guiando-se pela “pedagogia do pife”, transmitiu para o menino/filho/discípulo os primeiros benditos, baiões, marchas e valsas. Foi nesta escola, que seu Manoel também fez especialização em marcenaria. Aprendeu a fazer pífanos com taboca, zabumba e caixa com galhos de Timbaúba e, na Paraíba e no Paraná, fez móveis e coberturas de residências.

O saber ritualizar também estava contemplado no currículo dessa escola. Seu José Inácio preparou o filho para um futuro mestrado em Banda Cabaçal. Como seu Manoel nos revelou: “[...] ele ensinava, ele sentava eu na perna dele assim, pegava o pife, botava assim na minha boca. Eu assoprando e ele fazendo o serviço com as mão, por aqui eu aprendi. Aprendi pequenininho. Peguei a tocar mais ele. Com doze ano de idade. [...]Dixe assim: “Mané vai aprender”. Aprendi assim, aprendi. Agora sou mestre”.

Illich (1985, p. 27), nos diz também que, ao contrário do que muita gente pensa ilusoriamente, boa parte do nosso conhecimento não é adquirido na escola formal, mas sim, fora dela, casualmente. Para ele, em muitos países, a escola se tornou lugar de um longo período de confinamento, gerando nas pessoas essa ilusão de que provém dela o que aprenderam, inclusive o gosto pela leitura.

O modo como seu Manoel aprendeu a “gramática do pife” nos mostra que não foi o confinamento que promoveu o saber. A sua fluência no pífano quase sempre foi resultado das atividades “extracurriculares”. Isso porque, mais do que uma necessidade do grupo, aprendeu por achar bonito os mais velhos tocando. Aprendeu porque a educação acontece em qualquer lugar, como dizem Brandão e Freire (2013 - 2020), entregou-se à experiência e à Cabaçal deu sentido. Aprendeu porque o seu processo de educação não privilegiou o excesso de informação musical e não exigiu dele nenhuma opinião. Afinal, isso é coisa do sujeito da modernidade, conforme nos lembra o professor Larrosa (2020, p. 20):

“[...] o sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. [...] Em nossa arrogância, passamos a vida opinando sobre qualquer coisa sobre o que nos sentimos informados. E se alguém não tem opinião, se não tem uma posição própria sobre o que se passa, se não tem um julgamento preparado sobre qualquer coisa que se lhe apresente, sente-se em falso, como se lhe faltasse algo essencial. E pensa que tem de ter uma opinião. Depois da informação, vem a opinião [...]”

Seu Manoel podia não opinar sobre qualquer coisa, porém era um sujeito “opinioso”, decretou que seria pifeiro e aprendeu “sem dar trabai” na escola do pífano. Aprendeu porque toda vida gostou. Não tinha tempo ruim, carregava o pífano para todo canto, na cintura. Tocava no caminho da roça, na roça, na volta pra casa, em casa, “toda hora, toda hora”. Não correu atrás

¹³ O mesmo que par, dupla. Pareia é o termo usado pelos pifeiros referindo-se aos dois pífanos tocando juntos, fazendo primeira e segunda vozes, bem como ao casal de tambores: A zabumba soando os graves e a caixa de guerra, os médios e agudos.

do conhecimento cabaçal como se esse fosse mercadoria, não teve obsessão pela opinião, não lhe faltou tempo, mesmo sendo um trabalhador da roça desde a infância.

O mestre fazia questão de dizer que com as quatro músicas que aprendera a partir das suas “observações participativas”, tocava a “noite quás toda”, no sagrado e no profano, “abusava, era só o que sabia”. No entanto, depois das aulas recebidas no colo amoroso do pai, tocou para aprender mais, aprendeu para depois ensinar. Como ele mesmo disse: “meu pai me ensinou e [...] eu fui ensinar a ele e depois aos meus filho”. Acrescentou:

Pra ver cumá é esse negoço de som viu? Veio uns cabra de Barbaia ou de Missão Vêa, andou por aqui nos tempo da cata de algodão, tocador de pife, uns tom diferente, som diferente. E eu, me ensinaro aquilo ali, eu mim engarupei nesses caba. O que eles podia botar, o que entendesse eu acompanhava e pai não acompanhava. Não aprendeu o som. Bom, as dispois com muitos ano, nós tocano, ele foi pegano um sonzim e tocava mais eu.

Essa fala de seu Manoel nos revela que pai/educador e filho/educando aprendiam e ensinavam um ao outro, se constituíam mutuamente durante o processo de ensino e aprendizagem, como deveria acontecer nas escolas de ensino tradicional, onde, através do diálogo do respeito e da compreensão de que somos seres culturais, históricos inacabados e conscientes do inacabamento, conforme Freire (2020, p. 50), educador e educando compartilham saberes e se transformam juntos.

Tocar com músicos de outros lugares e de outras bandas também foi de grande importância para a aprendizagem de um vasto repertório que fez de seu Manoel Inácio “musicoteca cabaçal ambulante”. Os saberes aprendidos pela oralidade na relação com o que o mundo lhe apresentava, por exemplo, através dos tocadores de Barbalha e de Missão Velha, cidades do Cariri cearense, região reconhecida como um dos principais territórios cabaçais, contribuiu para que seu Manoel entendesse que existiam outras músicas, técnicas e tonalidades. Isso possibilitou que ele, como ser consciente do inacabamento, compreendesse que ainda tinha muito o que aprender. Contribuiu também para que ele se tornasse um pifeiro reconhecido, e, mais adiante, não apenas como mestre, mas como o “mestre dos mestres”, como “palavriou”¹⁴ Chico Rafael, caixeiro da Banda Cabaçal São Sebastião, do sítio Antas.

São inúmeros os pifeiros que nos dizem de suas experiências com seu Manoel Inácio. Enfatizam a sua técnica, e, sobretudo, o seu repertório. O mestre Antônio Pinto, também pifeiro do sítio Antas, nos contou que as toçadas de seu Manoel quase sempre se estendia até o amanhecer do dia, sem repetir uma música. Certo dia o Cosmo conspirou ao nosso favor e nos deu o privilégio de também termos a honra de vivenciar um desses momentos. Nesse dia até o sol, no outro dia, participou da festa. Foi depois disso que entendemos por que um dia seu Manoel Inácio, depois de tocar um “tiquinho de nada” no evento internacional, “O Riso da Terra”, que aconteceu em 2001, na capital paraibana, João pessoa, nos pediu para não o tirar “de casa pra tocar só 20 minutim”, principalmente em um dia tão especial como aquele, pois foi a primeira vez que seu Manoel subiu em um palco profissional com a sua Banda Cabaçal.

MAIS ALGUMAS PALAVRAS ANTES DE UMA PAUSA NESTA HISTÓRIA SEM PONTO FINAL

A zabumba convidou a caixa para tocar um baião
Os pifes, empareiados¹⁵, foram dançar no meio do salão.¹⁶
(Naldinho Braga)

O fato de seu Manoel Inácio ter tocado “empareiado” com muitos pifeiros de regiões diferentes fez dele uma das maiores referências para os tocadores, tanto da Paraíba quanto de

¹⁴ O termo “palavriou”, está sendo usado com o sentido de “contou, disse”.

¹⁵ Corruptela de emparelhado, em dupla. As Bandas Cabaçais se apresentam com dois pífanos tocando em terça.

¹⁶ Trecho da canção “Foi assim que tudo começou”. Canção do repertório da Banda Avuô - João Pessoa - PB

outros estados, que tocaram, ensinaram e aprenderam com ele. Em uma época em que gravações da música cabaçal eram inexistentes, tocar juntos era o caminho para que o ensino e aprendizagem acontecesse. Teoria e prática caminhando lado a lado em função da preservação dessa tradição nordestina que, graças ao encantamento que os pifeiros são capazes de produzir a cada geração, muito embora suas bandas sofram os reflexos do projeto de Brasil, pensado e, com bastante eficácia, posto em prática pelos que alimentam a colonialidade, continua dizendo para o mundo que existe e não baixa os pífanos na guerra contra esse projeto de modernidade e de ódio que lhe dá as costas.

Seu Manoel Inácio sabia muito bem disso e por isso era comum escutar o velho flautista lamentar as mudanças no contexto das Bandas Cabaçais. As lembranças do tempo que não faltava lugar pra tocar, de muita gente pra vê-los e ouvi-los com respeito, prazer e gosto pela arte produzida pelos pifeiros por vezes fazia o mestre chorar saudade e duvidar que depois da sua morte algum jovem da família viesse a ter consciência da importância da Banda Cabaçal e o interesse em aprender a tocar e ocupar o seu lugar de pifeiro. Isso porque, segundo ele nos falou, os “mais novo não quer dar continuidade. Acha bonito é sanfona, musga de dançar, cantar. É tanto que essas musga dançante pai nunca gostou, ele tocava as musga véia do tempo do avô dele e do pai dele. [...] Toco não, musga de cantor toco não. Quem quiser ouvir, que ligue o rádio”.

O mestre insistia muito em dizer que a sua Cabaçal parecia ter chegado ao fim, “proque tudo tem fim, tudo terá fim, não tem eternidade como diz por aí. Acho bonito essas musga tocada peros instrumento dela, que faz cento de tom, mas a tocada de pife é pequena, só faz seis tom. Já vi cabra tocar seis tom, mas eu só toco quatro”.

Freire (2020, p. 70), nos lembra que em um processo educativo onde educador e educando estejam movidos pela alegria necessária e pela esperança, juntos ensinam e juntos aprendem, inquietam-se, produzem e resistem aos obstáculos que ameaçam a alegria do existir. Portanto, embora parecesse pessimista, o mestre Manoel Inácio depositava a esperança de continuidade da sua banda no bisneto, Felipe. Lembrou, que o seu avô ensinou ao seu pai, seu pai ensinou a ele, ele ensinou aos filhos Antônio e a Zé Inácio e Antônio já estava ensinando ao neto de 4 anos, Felipe Inácio.

“Acho que vai dá certo, proque ele gosta, tá sempre junto, assuntando, ouvindo prestando atenção. Tem interesse, vai aprender, aprende”. Para o mestre, o interesse e o prestar atenção eram prerrogativas importantes para o envolvimento com a Cabaçal. Foi exatamente a sua curiosidade, prestando atenção nos dedos dos pifeiros, decorando as melodias, experivivenciando tudo, que fez dele tocador de pífanos, e mestre respeitado, por isso tanta esperança no garoto. Seu Manoel nos disse, certa vez, que continuava curioso, querendo mais, para dar exemplo, incentivar os outros curiosos, parecia ter escutado Paulo Freire (2020, p. 83), dizendo que nós professores devemos saber que sem a curiosidade que nos move, que nos inquieta, que nos insere na busca, nem aprendemos e nem ensinamos.

Os outros curiosos da família, Antônio e Zé aprenderam ainda meninos. A observação também foram as primeiras lições. Depois começaram se inserindo devagarzinho quando um ou outro percussionista, por alguma razão, não podia tocar. Cresceram e assumiram em definitivo caixa e zabumba.

Acompanhando e observando o trabalho do pai e da mãe, também aprenderam a lidar com a terra, com os animais, a fazer tijolo, levantar casas e o ofício de marcenaria e a ter muita fé nos santos que tinham dependurados na parede da sala. Com seu Manoel aprenderam a fazer os instrumentos da Cabaçal. Antônio, especificamente, também aprendeu aqueles quatro tons que seu Manoel sabia tocar no pife e foi justamente os “quatro tons” que acenderam os olhos do garotinho Felipe, de tal modo que, se tinha tocador em ação, enquanto os outros primos caçavam, pegavam passarinho, pescavam, brincavam e andavam de jumento, o menino, de orelhas em pé e olhos arregalados, “ciscava nos pés” dos tocadores, e brincava de Banda Cabaçal, sobrando um pífano feito de talo de folha de mamão.

Seu Manoel aos 86 anos não suportou a saudade de dona Vicência. Em 2006 já tinha decidido não soprar mais o seu pífano por conta da morte de dona Vicência, a dor da perda da companheira de mais de 50 anos estava maltratando muito. Em 2008 o coração batucou pela última vez. Viajou para tocar com o avô, o pai, os tios, Zé Preto e tantos outros pifeiros que já faziam shows para os anjos, com um repertório que não podia faltar “A briga do cachorro com a onça”, “Choro dos índios”, “Sorriso da noite”, “A passagem do Rio”, Bendito do Padre Cícero, de São João, de São José, de Nossa Senhora, o Caboré e a sua composição predileta, “O Pássaro da Pitombeira”, tudo bem no pé do ouvido dos tantos santos que festejou por aqui. O Sertão não ouviu mais as síncofes, os trinados, os solfejos, os baiões, as valsas, os benditos e as marchas que flecharam o coração de muita gente durante as novenas, renovações, procissões e tantos outros eventos religiosos que tiveram a presença da Banda Cabaçal Santo Antônio. O sítio Bé entristeceu, não tinha mais música e a alegria que o mestre irradiava pelos olhos, boca, ouvidos e dedos. Os galos passaram a cantar sozinhos nas manhãs que se seguiram sem a presença do mestre e o seu pífano no meio do terreiro.

Mas, como disse o poeta, os Inácios não herdaram das pedras o dom do silêncio. Desta forma o garoto Felipe passou também a ser a esperança do avô, que, por sinal, foi o responsável pela volta do grupo quando a banda parou as outras vezes, com as mortes da mãe e do pai de seu Manoel Inácio, depois com a impossibilidade física de Zé Preto, com a morte de dona Vicência. Com a morte de seu Manoel não faria diferente. Em fevereiro de 2008 me disse assim: [...] “se eu continuar os meus dias de vida pra frente e esse menino vai crescendo, eu vou fazer tudo pra ele aprender, nem que seja duas partezinhas pra não morrer de vez com a banda”.

Pois bem, em 2001, tínhamos gravado, em cassete, a banda Santo Antônio tocando seis músicas. Depois gravamos o disco “Pifonia”, com a participação das bandas de Serra Grande, Tavares, São José de Piranhas e a banda da família Inácio, agora, Felipe Inácio, com uma pedagogia Cabaçal elaborada por ele, aprende a gramática do pífano ouvindo esse material, tocando com o avô Antônio e com as lições que o seu bisavô, Manoel Inácio, lhe ensina em sonhos.

É no Riacho do Meio que ele hoje, aos 17 anos, mora com o pai, Valmir Inácio e os avós, Antônio Inácio e dona Francinete. E assim continua a história, planta, limpa mato, alimenta os bichos, colhe, ordenha, estuda, toca e aprende, aprende e toca e prossegue os caminhos ancestrais, afirmando a existência e a (re)existência da cultura popular.

AGRADECIMENTOS: Não aplicável.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES: Braga, E. M.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, e revisão crítica de conteúdo intelectual importante; Lucini, M.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, e revisão crítica de conteúdo intelectual importante. Os autores leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

CONFLITOS DE INTERESSE: Os autores declaram que não há conflitos de interesse.

REFERÊNCIAS

- Brandão, C. R. (2013). O que é educação. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense.
- Cajazeiras, R. C. S. (1988). Tradição e Modernidade: O perfil das Bandas de Pífanos da cidade de Marechal Deodoro. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil.
- Canclini, N. G. (1983). As culturas populares no capitalismo. São Paulo: Brasiliense.
- Freire, P. (2019). Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz & terra.
- Freire, P. (2020). Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz & Terra.
- Illich, I. (1985). Sociedade sem Escolas. Petrópolis: Vozes.
- Inacio, M. (2007). Entrevista. Cajazeiras (Paraíba), 17 de fevereiro.
- Krenac, A. (2019). Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras.

Larrosa, J. (2020). Tremores: Escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica.

Leite, L. S. (2019). As Bandas das bandas de cá: Bandas cabaçais da festa do Pau de São Sebastião de Barbalha, CE (produção, reprodução e transmissão de valores). Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Rocha, J. M. T. (1988). As Bandas de Pífano do Nordeste do Brasil. Folclore. Guarujá: Centro de Folclore do Litoral Paulista.

Santos, A. B. (2015). Colonização, Quilombos: modos e significados. Brasília: Senado.

Simas, L. A. (2018). Almanaque Brasilidades: Um inventário do Brasil popular. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.

Simas, L. A., & Rufino, L. (2019). Fogo no mato: A Ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula Editorial.

Recebido: 30 de abril de 2021 | **Aceito:** 11 de maio de 2021 | **Publicado:** 15 de maio de 2021



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.